



“MAS QUEM IA CARREGAR UMA NOTA FISCAL?”: UM ESTRANHAMENTO DISCURSIVO

Alana Clecy dos Santos¹

Este trabalho propõe uma análise do funcionamento discursivo presente em uma *tirinha de Armandinho*, de autoria de Alexandre Beck, e que, apesar de publicada em 2019, se mostra bastante atual. Na tirinha, Armandinho e seu amigo Camilo estão passando com suas respectivas bicicletas quando são abordados por um policial que questiona a posse deles sobre os veículos. Armandinho (um menino branco) responde afirmando que aquelas bicicletas são deles. Na continuidade da tirinha, o policial pede a nota fiscal para comprovar a posse dos objetos em questionamento, causando um estranhamento em Armandinho, que, por sua vez, enuncia: “mas quem ia carregar uma nota fiscal?”. Seu amigo, porém, um menino negro, automaticamente retira a nota fiscal da bolsa e entrega ao policial dizendo: “aqui senhor”. Nesse contexto, há pontos de (não) estranhamento decorrentes das tensões raciais que se constituíram e mantêm-se na sociedade produzindo efeitos de sentido no material em questão.

Tendo em vista a descrição acima, objetivamos descrever e analisar as relações discursivas sobre raça apoiando-nos nos aspectos linguísticos e imagéticos que constituem a tirinha. Além disso, também consideramos a importância das redes sociais, enquanto espaços de formulação e circulação dos discursos, e conseqüentemente, de ideologias que se mantêm e se renovam na sociedade. Desse modo, realizar um gesto de análise sobre os “discursos em tais espaços parece ser algo de grande relevância, sobretudo, quando consideramos o fato de estarmos cada vez mais conectados, interagindo e negociando sentidos com outros sujeitos” (CUNHA, 2021, p. 380).

Para isso, nos baseamos nos fundamentos teóricos e analíticos da Análise do Discurso materialista (doravante AD) que possui como tese central que “a linguagem não é transparente” (ORLANDI, 2015, p. 15), mas opaca. Logo, “interessa-se por práticas discursivas de diferentes naturezas: imagem, som, letras, etc.” (ORLANDI, 2015, p. 60). Assim, nosso gesto de análise volta-se para o funcionamento discursivo da composição entre imagem e língua que dão forma ao material de análise. Além disso, possui como pontos essenciais: (i) o trabalho com as famílias parafrásticas explicitando o dito e não-dito, “lidando com as relações de intertextualidade, enunciação e outras, tudo no nível do formulável” (LAGAZZI-RODRIGUES, 1988, p.53); e, (ii) o conceito de estranhamento, que é o ponto chave dessa análise.

O estranhamento é “aquilo que parece não caber ser dito num dado discurso” (ERNEST-PEREIRA, 2009, s. p.) podendo ser da ordem do intradiscursivo ou do interdiscursivo. Nesse trabalho o gesto de análise volta-se, especialmente, para as sequências discursivas (SDs) finais da tirinha: “mas quem ia carregar uma nota fiscal?” e “aqui senhor!” que juntamente com as discursividades no imagético promovem

¹ Mestranda em Linguagens e representações – PPGL/UDESC; Bolsista FAPESB; E-mail: alanaclecy98@gmail.com; Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9188521343042392>.

um (não) estranhamento discursivo nas personagens. À vista disso, o gesto de análise se dá nos entremeios de conceitos discursivos alinhados aos estudos sobre raça, solicitados pelo *corpus*.

Antes de adentrarmos nas análises, enfocaremos um pouco mais sobre o campo da AD e, mais especificamente o conceito de estranhamento. A AD materialista propõe reflexões “sobre a linguagem, sobre o sujeito, sobre a história e a ideologia.” (ORLANDI, 2015, p. 9) visto que essas instâncias estão interligadas e precisam uma das outras para funcionar socialmente. É considerando a opacidade da língua e dando um foco especial a estes pontos que a AD trabalha nas falhas produzidas pela língua. Melhor dizendo, nas palavras de Pêcheux (2015, p. 53, grifo nosso):

Todo enunciado é intrinsecamente suscetível de torna-se outro, diferente de si mesmo, se deslocar discursivamente de seu sentido para derivar para um outro (a não ser que a proibição da interpretação própria ao logicamente estável se exerça sobre ele explicitamente). **Todo enunciado, toda sequência de enunciação é, pois, linguisticamente descritível como uma série (léxico-sintaticamente determinada) de pontos de deriva possíveis, oferecendo lugar a interpretação.**

Assim, a AD quebra o efeito de evidência promovido pela ideologia e mostra que a língua é opaca e que algo que é dito pode ter sempre seu sentido derivado em outros. Dessa maneira, a ideologia “é um ritual com falhas e a língua não funciona fechada sobre si mesma: abre para o equívoco” (ORLANDI, 2017, p. 23) enquanto a história é história “porque os fatos reclamam sentidos (P. Henry, 1994) perante um sujeito que está condenado a interpretar (significar)” (ORLANDI, 2017, p. 23).

Em relação ao estranhamento, como dito acima, este é um conceito que evoca aquilo que parece não estar adequado/compatível ao discurso a que pertence. Em outras palavras, o estranhamento discursivo dá destaque aos conflitos entre formações discursivas em um discurso e/ou em vários discursos. Conforme ERNEST-PEREIRA (2009, s. p.) o estranhamento é uma:

[...] estratégia discursiva que expõe o conflito entre formações discursivas e consiste na apresentação de elementos intradiscursivos – palavras, expressões e/ou orações – e interdiscursivos, da ordem do ex-cêntrico, isto é, daquilo que se situa *fora* do que está sendo dito, mas que incide na cadeia significante, marcando uma *desordem* no enunciado.

Ou seja, o estranhamento pode ocorrer por algum elemento linguístico (palavra, expressão, etc.) que esteja no material, bem como por questões interdiscursivas que afetam a cadeia significante, isto é, o estranhamento também pode ocorrer por conflitos nas formações discursivas a que os sujeitos se filiam. É o que acontece na tirinha selecionada para a análise, material publicado na página do *Instagram* @tirinhadoarmandinho no ano de 2019 e compartilhado pelo @quebrandoatabu no dia 31 de maio de 2021, este pelo qual tivemos acesso.

As tirinhas de Armandinho são publicadas nas plataformas do *Facebook*, do *Twitter* e do *Instagram*, além de possuir um *site* próprio. Nas tirinhas da turma do Armandinho, as personagens principais são crianças e os cenários são do cotidiano delas (escola, casa, rua, parque, etc.). Quando há uma personagem adulta, ela é geralmente cortada pelo meio, isto é, aparecem apenas as pernas e/ou braços da personagem para que o foco seja a fala dela. Um dos pontos que chamam a atenção é o nível de criticidade das personagens infantis ao mesmo tempo em que fazem isso com uma linguagem simples e direta.

A tirinha selecionada é dividida em três quadros, um ao lado do outro mantendo assim uma sequência de atos sucessivos. Ela é protagonizada por Armandinho, um menino branco (que está na lateral

esquerda dos quadros 1 e 3 e sozinho no quadro 2) e por seu amigo, Camilo, um menino negro (que está no centro dos quadros 1 e 3). Além deles, como coadjuvante, mas não menos importante, devido a sua fala crucial, está um policial/guarda (posto na lateral direita dos quadros 1 e 3). As personagens principais estão por completas, facilitando, assim, a identificação de características de racialidade, da faixa etária, das expressões faciais, etc. Desse modo, reconhece-se que Armandinho e seu amigo são: (i) crianças, em virtude da roupa e da estatura e (ii) que são de identidade racial diferentes, devido aos cabelos e tom dado às suas peles. Como já dito, a outra personagem tem sua imagem cortada, aparecendo apenas as suas pernas. Mas os traços materializados no imagético como as botas, o suporte para arma e a vestimenta em composição ao enunciado proferido demonstram que se trata de uma autoridade de segurança, especificamente um/a policial ou guarda.

O fundo está em branco, porém por causa do diálogo e das construções visuais, sobretudo pelas bicicletas e abordagem policial concluímos que as cenas são na rua. O diálogo inicia com a fala de Armandinho, prossegue com um questionamento do policial/guarda e, em resposta há falas das duas crianças. Como veremos a seguir:

Figura 1



Fonte: Instagram @tirinhadoarmandinho (2019)

Ao termos contato com a produção de Beck notamos e destacamos aqui para efeito do nosso gesto de análise dois pontos relacionados ao estranhamento: (i) a divergência de Armandinho para com a fala da autoridade e (ii) a “naturalidade” que Camilo responde. Em outras palavras, porque apenas uma das crianças estranhou quando questionados acerca da nota fiscal? Em nosso gesto analítico, cremos que esse estranhamento é racialmente orientado, na medida em que o que parece um absurdo para o menino branco, parece, ao contrário, corriqueiro para o menino negro. Nossa tese ganha força quando consideramos que os aparelhos de repressão e policiamento do Estado, nas condições de produção do Brasil, são marcados pela intensa vigilância aos corpos negros.

A sistemática repressão policial, dado o seu caráter racista, tem por objetivo próximo a instauração da submissão psicológica através do medo. A longo prazo, o que se visa é o impedimento de qualquer forma de unidade do grupo dominado, mediante à utilização de todos os meios que perpetuem a sua divisão interna. Enquanto isso, o discurso dominante justifica a atuação desse aparelho repressivo, falando de ordem e segurança sociais (GONZALEZ, 1984, p. 232-233 *apud* MODESTO, 2019, p. 133).

Assim, é preciso considerar três coisas: i) não é à toa que a pergunta do policial seja direcionada para uma dupla que tem como um dos pares uma pessoa negra; ii) não é à toa a não surpresa do garoto

negro, certamente já acostumado (e preparado) para essas situações; iii) não é à toa a surpresa do menino branco, certamente nunca exposto a essas situações.

No início da tirinha, o primeiro quadro sinaliza, pela ocorrência da sequência linguística: “sim! Claro que são nossas”, que houve anteriormente um questionamento vindo do adulto-policia! localizado a frente das crianças. A possível pergunta seria: “essas bicicletas são de vocês?”, pergunta que receberia como resposta do menino: “sim! Claro que são nossas”, uma resposta afirmativa que, em função do termo “claro”, mostra um efeito de certeza, evidenciando que o questionamento anterior é inapropriado, tendo em vista a resposta óbvia. A palavra “Claro” segundo dicionário Aurélio significa: “1. Que alumia; luminoso; 2. Que recebe claridade; 3. **Transparente**; 4. Puro; 5. Bem visível;(…); 11. **Fácil de entender; explícito**; 12. **Evidente**; (...)” (FERREIRA, 2000, p. 157, grifo nosso). Em continuidade ao diálogo o/a policia!/guarda duvida da resposta e indaga sobre a nota fiscal: “e a nota fiscal?”, é nesse momento que ocorre o estranhamento para com Armandinho, um menino branco:

SD1: “Nota fiscal?!” (BECK, 2019)

SD2: “Mas, quem ia carregar uma nota fiscal?” (BECK, 2019)

Na SD1, observamos o estranhamento da personagem através da repetição das palavras “nota fiscal” e pela utilização da interrogação e da exclamação na sentença. Ou seja, a pergunta – marcada pela interrogação – é também um espanto – marcado pela exclamação – essa relação entre questionamento-espanto materializa o estranhamento que está em composição com a repetição incrédula das palavras “nota fiscal”. A interrogação surge espanto e não dúvida, isto é, ele não quer saber o que é uma nota fiscal, pois essa informação ela já tem, a interrogação juntamente à repetição pode ser parafraseada como: “é sério?”; “está mesmo perguntando isso?”, “ainda tem dúvidas que essas bicicletas são nossas?”, etc. Na sequência, acontece um novo estranhamento para o menino, mais precisamente no quadro 3 quando ele enuncia a SD2: “Mas, quem ia carregar uma nota fiscal?” (BECK, 2019) ao mesmo tempo que vê seu amigo entregando o documento a autoridade. Nesse contexto, o discurso imagético através da boca aberta escandalosamente e dos braços posicionados para trás ressalta o expando que o garoto leva ao presenciar seu amigo “concordando/aceitando” o questionamento proferido pelo adulto. À vista disso, o menino branco sofre um duplo estranhamento, primeiro, pela desconfiança da autoridade e segundo, por Camilo carregar consigo uma nota fiscal.

Em relação à outra personagem principal, Camilo, um menino negro, como dito anteriormente, esse estranhamento não acontece, visto que (i) em nenhum momento o menino questiona as falas/perguntas do policia!/guarda, (ii) ele possui o documento e (iii) o garoto entrega o papel sem sequer demonstrar indignação. Esse efeito é sustentado pelo silêncio (poucas falas do menino), pelo discurso no imagético, às expressões faciais da personagem que não demonstram espanto e também pela sequência que enuncia:

SD3: “Aqui, senhor!” (BECK, 2019)

Na SD3, a falta de indignação em comparação às falas da personagem branca e o termo “senhor” mostram concórdia e respeito para com a ação do policia!/guarda. Uma vez que o termo “sim” “1. Exprime afirmação, acordo ou permissão; 2. Ato de consentir” (FERREIRA, 2000, p. 636) e a palavra “senhor” que pode significar “1. Amo; patrão; 2. **Indivíduo importante**; 3. Homem idoso; 4. Tratamento de cerimônia ou respeito dispensado aos homens (...)” (FERREIRA, 2000, p. 630, grifo nosso). Então, o que causaria

estranhamento em um e não no outro? É nesse momento que o (não) estranhamento se justifica por questões interdiscursivas.

O Brasil é um país que se constituiu a partir de ações e ideologias excludentes, sobretudo, preconceituosas e desumanas para com os negros. Essas ideologias ainda são alimentadas na sociedade brasileira. Desse modo, a discriminação e diferenciação considerando cor da pele como traço de identidade racial existe e se manifesta “por meio de práticas conscientes ou inconscientes que culminam em desvantagens ou privilégios para indivíduos, a depender do grupo racial ao qual pertencem” (ALMEIDA, 2018, s. p.). Assim, podemos observar na tirinha, que “as organizações policiais reproduzem práticas tradicionais pré-modernas de proteção, discriminando e excluindo, por conseguinte, as parcelas da população estigmatizadas socialmente” (MODESTO, 2019, p. 133). Isto é, as condições de produção sócio-políticas do Brasil constituem uma polícia racista, como esta materializada na tirinha que invés de proteção, promove agressão.

Por fim, o estranhamento sentido pelo menino branco é “justificado” por suas filiações discursivas, e conseqüentemente, ideológicas. Filiações estas que não sofrem discriminações baseadas na cor da pele e pela sua identidade racial conferida socialmente. Enquanto o menino negro sofre injustiças e discriminações recorrentes e em diversos espaços apenas por sua cor de pele e sua identidade racial. Esta que se constitui de formações discursivas diferentes do menino branco e que vivência condições injustas, agressivas e desumanas “autorizadas” pelas ideologias predominantes na sociedade brasileira, como é o caso exposto na tirinha de Beck.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio. **Racismo estrutural**. São Paulo: Polén, 2018.

BECK, Alexandre. Tirinhas de Armandinho. **Instagram**, @tirinhasdearmandinho, 20 nov. 2019. Disponível em: https://www.instagram.com/tirinhadearmandinho/p/B5GmWKSDDXH/?utm_medium=copy_link. Acesso em: 15 maio 2021.

CUNHA, Eduardo Soares da. “Sou gay e Jesus me aceita”: um estranhamento discursivo? **Macabéia** – Revista eletrônica da Netlli, Crato, v. 10, n. 1, p. 371-386, 2021.

ERNEST-PEREIRA, Aracy. A falta, o excesso e o estranhamento na constituição/interpretação do *corpus* discursivo. *In*: SEMINÁRIO DE ESTUDOS EM ANÁLISE DO DISCURSO, 4., 2009, Porto Alegre. **Anais [...]**. Porto Alegre: UFRGS, 2009.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Miniaurélio século XXI escolar**: o minidicionário da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

LAGAZZI-RODRIGUES, Suzy. **O desafio de dizer não**. Campinas, SP: Pontes, 1988.

MODESTO, Rogério. Não esquecer, não aceitar: a denúncia “quando se exige silêncio” e a construção discursiva do antagonismo. *In*: GRIGOLETTO, Evandra; DE NARDI, Fabiele Stockmans; SOBRINHO, Helson Flávio da Silva (org.). **Sujeito, sentido, resistência**: entre a arte e o digital. Campinas, SP: Pontes Editores, 2019.

ORLANDI, Eni P. **Análise do discurso**: princípios e procedimentos. Campinas, SP: Pontes, 2015.